



OS BRIDGERTONS — 6

*Julia Quinn*

O CONDE ENFEITIÇADO





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

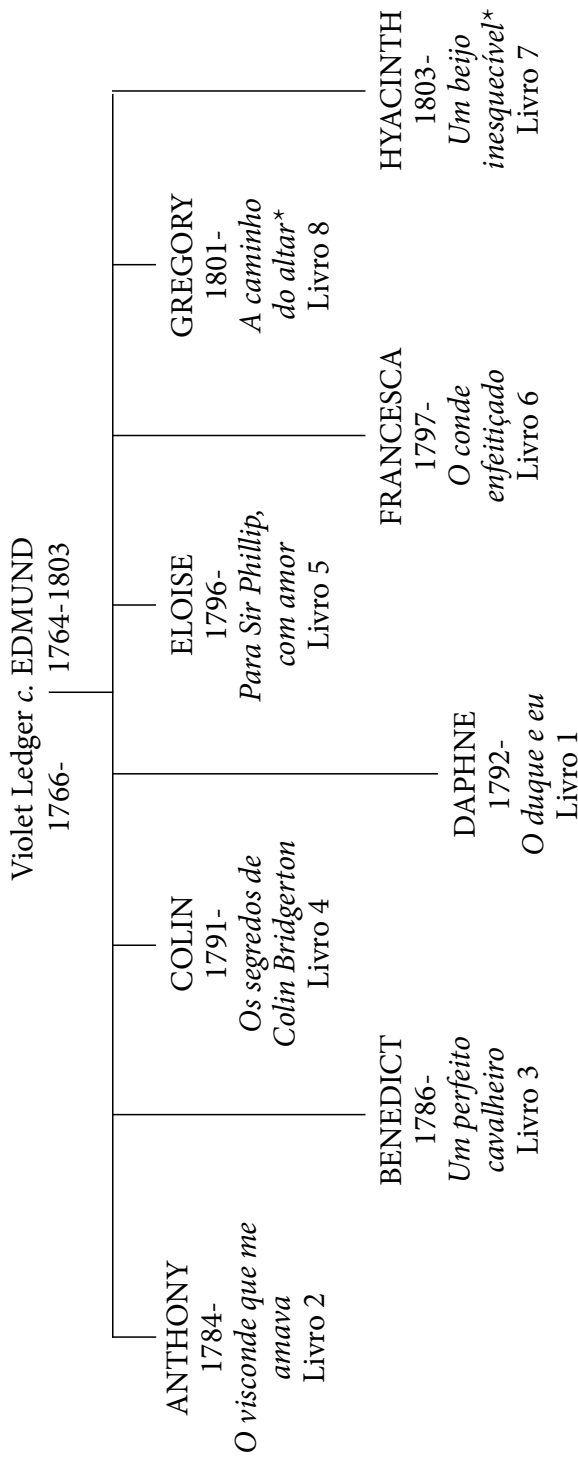
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para B.B.,  
que me fez companhia enquanto eu escrevia este livro.  
As melhores coisas acontecem para quem sabe esperar!

E também para Paul,  
embora ele quisesse chamar o livro de  
*O amor nos tempos da malária.*

# ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA BRIDGERTON



\* Títulos provisórios.

# PARTE 1

*Março de 1820*  
*Londres, Inglaterra*



# CAPÍTULO 1

*... Eu não diria que está sendo divertidíssimo, mas também não tem sido tão ruim. Afinal, há mulheres e, onde há mulheres, eu tendo a me alegrar.*

*– de Michael Stirling para o primo John,  
conde de Kilmartin, enviada do 52º Regimento de Granadeiros  
durante as Guerras Napoleônicas*

**E**m toda vida ocorre um momento decisivo. Um instante tão extraordinário, tão claro e tão nítido que temos a sensação de havermos sido golpeados no peito, deixados sem fôlego, sabendo, *sabendo*, sem a menor sombra de dúvida, que nossa vida jamais será a mesma.

Para Michael Stirling, esse momento aconteceu ao pôr os olhos em Francesca Bridgerton.

Depois de uma vida inteira cortejando mulheres, sorrindo maliciosamente enquanto elas corriam atrás dele, permitindo-se ser conquistado apenas para virar o jogo e se tornar o conquistador, acariciando-as, beijando-as e fazendo amor com elas sem jamais entregar-lhes o coração, Michael viu Francesca Bridgerton uma única vez e se apaixonou tão rápida e perdidamente que ficou surpreso por conseguir permanecer de pé.

Infelizmente para Michael, no entanto, o sobrenome de Francesca só continuaria a ser Bridgerton por apenas 36 horas; a ocasião do encontro foi, de forma lamentável, um jantar de comemoração pelo iminente casamento dela com o primo de Stirling.

A vida era mesmo irônica, Michael costumava pensar quando estava de bom humor. Em seus momentos de estado de espírito menos agradável, lançava mão de um adjetivo bastante diferente.

E, desde que se apaixonara pela esposa do primo, seu humor não andava dos mais agradáveis.

Ah, ele disfarçava bem. Não seria de bom-tom mostrar-se incomodado ou triste. Se fizesse isso, algum observador mais sagaz poderia notar e –

Deus o livre – *perguntar* como ele se sentia. E embora Michael Stirling se orgulhasse bastante de sua capacidade de dissimulação (afinal, ele havia seduzido mais mulheres do que qualquer um se daria o trabalho de contar, e o fizera sem jamais ser desafiado para um duelo)... bem, a lamentável verdade era que jamais se apaixonara, e se havia uma ocasião em que um homem talvez perdesse a capacidade de manter as aparências mesmo sob questionamento direto, provavelmente era essa.

Assim, ele ria, mostrava-se muito alegre e continuava a seduzir as mulheres, fingindo não notar que tendia a fechar os olhos quando estava com elas na cama. Também parou de frequentar a igreja, pois não via motivo para fazer uma prece sequer em louvor de sua alma. Além do mais, a igreja da paróquia próxima a Kilmartin, datada de 1432, com pedras prestes a desabar, sem dúvida não ficaria em pé se fosse atingida por um raio.

E se Deus pretendesse castigar um pecador, nenhuma escolha seria melhor do que Michael Stirling.

Michael Stirling, Pecador.

Podia ver isso escrito num cartão de visitas. Ele mesmo o teria mandado fazer – seu humor era exatamente deste tipo: negro – se não estivesse convencido de que a mãe morreria de desgosto no mesmo instante.

Ele podia ser um devasso, mas não via necessidade de torturar a mulher que o trouxera ao mundo.

Curioso como nunca encarara como pecado sua relação com todas aquelas mulheres. E continuava a não fazê-lo. Todas tinham agido de acordo com a própria vontade, é claro – não se podia seduzir uma mulher que não desejasse ser seduzida, ao menos quando se levava a sedução ao pé da letra, tomando todo o cuidado para não confundi-la com sexo à força. Era necessário que elas, de fato, quisessem aquilo – se Michael sentisse qualquer sinal de desconforto, dava meia-volta e partia. Suas paixões nunca fugiam ao controle a ponto de ele não poder sair de cena.

Além do mais, jamais seduzira uma virgem ou dormira com uma mulher casada. Bem, era preciso ser sincero até mesmo ao se viver uma mentira: dormira, sim, com mulheres casadas, muitas, mas apenas aquelas cujos maridos eram profundamente desagradáveis e, ainda assim, não antes de já terem produzido dois varões. Três, no caso de um dos meninos aparentar ter a saúde frágil.

Afinal de contas, um homem precisava ter regras de conduta.

Mas aquilo... Aquilo passava dos limites. Era inaceitável. Era a única transgressão (e ele cometera muitas) que enfim enegreceria a sua alma, ou, no mínimo – e isso supondo que ele se mantivesse forte o bastante para jamais tomar nenhuma atitude concreta –, a transformaria numa alma de um tom bem escuro. Porque aquilo... aquilo...

Estava cobiçando a mulher do primo.

Cobiçando a mulher de John.

*John.*

John, que – maldito fosse – era mais seu irmão do que qualquer um dos seus jamais poderia ter sido. John, cuja família o acolhera quando o pai morreu. John, cujo pai o criara e lhe ensinara a ser homem. John, com quem...

Ora, que diabo! Será que precisava fazer aquilo consigo mesmo? Poderia passar uma semana inteira catalogando os motivos pelos quais iria direto para o inferno por ter se apaixonado logo pela esposa do primo. E nenhum dos motivos mudaria a situação.

Não podia tê-la.

Jamais poderia ter Francesca Bridgerton Stirling.

Mas, pensou ele com uma risada desdenhosa, deixando-se despencar sobre o sofá, apoiando o tornozelo no joelho e observando os dois do outro lado da sala, dando risadas, sorrindo e se olhando com um carinho de dar enjoo, ele *bem* que podia tomar mais um drinque.

– Acho que vou querer, sim – anunciou, virando a bebida num único gole.

– O que disse, Michael? – indagou John, cuja audição sempre fora prodigiosa.

Michael deu um sorriso falso e ergueu o copo no ar.

– Que estou com sede – retrucou, mantendo a imagem perfeita de bon vivant.

Estavam na Casa Kilmartin, em Londres, e não em Kilmartin (nada de Casa, nada de Castelo, Kilmartin, apenas), na Escócia, onde os meninos haviam passado a infância, ou na outra Casa Kilmartin, também na Escócia (em Edimburgo) – não houve uma única alma criativa dentre os seus antepassados, pensava Michael com frequência. Havia também a Cabana Kilmartin (se alguém achasse cabível chamar uma construção de 22 cômodos de cabana), a Abadia Kilmartin e, é claro, o Palácio Kilmartin. Michael não tinha a menor ideia do motivo pelo qual ninguém pensara em dar



o nome da família a uma das residências. “Casa Stirling” soava perfeitamente respeitável, na sua opinião. Supunha que os ambiciosos – e pouco originais – Stirlings de outrora ficaram tão abobalhados com o condado recém-conferido que não conseguiram pensar em colocar outro nome em qualquer uma de suas propriedades.

Deu uma risada desdenhosa para dentro do copo de uísque. Era impressionante que não tomasse chá Kilmartin e não se sentasse em cadeiras estilo Kilmartin. Na verdade, era provável que estivesse fazendo exatamente essas coisas se a avó tivesse encontrado uma forma de conseguir realizá-las sem que a família precisasse entrar para o ramo do comércio. A velha, dona de uma disciplina rígida, tinha sido tão orgulhosa que era de esperar que tivesse nascido Stirling em vez de ter contraído o sobrenome pelo casamento. Na opinião dela, a condessa de Kilmartin (ela própria) era tão importante quanto qualquer personagem de maior nobreza e, mais de uma vez, ficara contrariada ao ser conduzida para a mesa de jantar depois de uma marquesa ou uma duquesa arrivistas.

A rainha, pensou Michael, impassível. Supunha que a avó tivesse se ajoelhado diante da rainha, mas na verdade não conseguia imaginá-la sendo deferente a qualquer outra mulher.

Teria aprovado Francesca Bridgerton. Vovó Stirling sem dúvida teria torcido o nariz ao saber que o pai de Francesca não passava de um mero visconde, mas os Bridgertons eram uma família antiga e bastante popular – e, quando desejava, poderosa. Além do mais, Francesca andava com a coluna ereta e seus modos irradiavam orgulho; tinha um senso de humor malicioso e subversivo. Se tivesse cinquenta anos mais e não fosse tão bonita, teria sido uma excelente companheira para a vovó Stirling.

E agora Francesca era a condessa de Kilmartin, casada com o primo dele, John, que, embora fosse um ano mais novo do que Michael, sempre fora tratado na família Stirling com a deferência reservada ao mais velho. Afinal, era o herdeiro. Seus pais eram gêmeos, mas o de John chegara ao mundo sete minutos antes do de Michael.

Os sete minutos mais críticos da vida de Michael, e ele ainda nem era vivo para testemunhá-los.

– O que devemos fazer para comemorar nosso segundo aniversário de casamento? – indagou Francesca, atravessando a sala para se sentar ao piano.

– O que quiser – respondeu John.

Francesca se virou para Michael, os olhos de um azul estonteante até mesmo à luz de velas. Ou talvez ele simplesmente soubesse a intensidade daquele azul. Nos últimos tempos, tinha a impressão de que até seus sonhos eram azuis. Azul-Francesca devia ser o nome daquela cor.

– Michael? – chamou ela, o tom indicando que ela insistia no chamado.

– Desculpe – disse ele, oferecendo-lhe o sorriso enviesado que usava com frequência. Ninguém o levava a sério quando sorria daquela forma, o que era, é claro, o objetivo. – Não estava prestando atenção.

– Tem alguma ideia? – perguntou ela.

– Para o quê?

– Para o nosso aniversário de casamento.

Se ela tivesse cravado uma flecha em seu coração, não teria conseguido feri-lo mais. Mas ele apenas deu de ombros, já que era espantosamente bom em esconder os sentimentos.

– O aniversário de casamento não é meu – lembrou ele.

– Eu sei – disse ela.

Ele não a estava olhando, mas imaginou que ela podia estar revirando os olhos.

Mas não estava. Disso Michael tinha certeza. Passara a conhecer Francesca dolorosamente bem nos últimos dois anos e sabia que ela não revirava os olhos. Quando queria ser sarcástica, irônica ou maliciosa, era seu tom de voz que indicava isso, e ela formava um peculiar bico com os lábios. Não precisava revirar os olhos. Limitava-se a encará-lo com um olhar direto, os lábios se curvando levemente e...

Michael engoliu em seco enquanto refletia sobre aquilo, então encobriu o gesto tomando um gole de bebida. Não pegava nada bem passar tanto tempo analisando a curva dos lábios da mulher do primo.

– Posso lhe garantir – continuou Francesca, roçando as pontas dos dedos, preguiçosamente, na superfície das teclas do piano, sem emitir som algum – que sei com quem me casei.

– Tenho certeza que sim – murmurou ele.

– Como disse?

– Continue.

Francesca franziu os lábios numa expressão contrariada. Ele já observara a mudança de fisionomia com alguma frequência, em geral quando ela interagira com os irmãos.

– Estou pedindo a sua opinião porque você está sempre tão alegre... – prosseguiu ela.

– Eu estou sempre tão alegre? – repetiu ele, sabendo que era assim que o mundo o enxergava (afinal, o chamavam de Devasso Alegre), mas odiando a palavra nos lábios dela.

O que ela disse o fez sentir-se frívolo, vazio.

Então sentiu-se ainda pior, porque devia ser verdade.

– Você discorda? – indagou ela.

– De jeito nenhum – murmurou ele. – Só não estou acostumado a me pedirem conselhos com relação a comemorações de aniversários de casamento, pois é notório que não tenho o menor talento para o casamento.

– Não acho isso nem um pouco notório – rebateu ela.

– Agora você se complicou – avisou John com uma risadinha, acomodando-se outra vez em sua poltrona, com um exemplar do *The Times* daquela manhã nas mãos.

– Você nunca foi casado – observou Francesca. – Como haveria de saber que não tem o menor talento para o casamento?

Michael conseguiu fingir um sorrisinho presunçoso.

– Acho que está bastante claro para qualquer um que me conhece. Além do mais, que necessidade tenho eu de me casar? Não tenho título, não posuo propriedades...

– Você possui propriedades, sim – interveio John, demonstrando ainda estar escutando mesmo por detrás do jornal.

– Apenas uma pequena propriedade – corrigiu Michael –, que eu ficarei mais do que satisfeito em deixar para os seus filhos, uma vez que me foi dada por John.

Francesca olhou para o marido e Michael soube exatamente o que ela estava pensando – que John lhe dera a propriedade por desejar que ele se sentisse dono de alguma coisa, que tivesse algum objetivo, na verdade. Michael estivera um tanto perdido desde que dera baixa do exército, vários anos antes. E, embora John jamais tivesse tocado no assunto, Michael sabia que o primo se sentia culpado por não ter lutado pela Inglaterra no continente, por ter ficado em casa enquanto Michael corria riscos sozinho.

Mas John herdara um condado. Tinha o dever de se casar e de ter muitos filhos. Ninguém tivera a expectativa de que partisse para a guerra.

Com frequência, Michael se perguntava se a propriedade – uma adorável e confortável quinta com 8 hectares – era a penitência de John. E suspeitava que Francesca se perguntasse a mesma coisa.

Mas ela jamais comentaria a questão. Francesca compreendia os homens com surpreendente clareza – provavelmente por ter crescido com muitos irmãos. Sabia muito bem o que não perguntar a um homem.

O que sempre deixava Michael um pouco preocupado. Ele achava que escondia bem os sentimentos, mas e se ela *soubesse*? Não diria nada, é claro, nem mesmo faria alusão ao assunto. Na verdade, ele acreditava que, por alguma ironia, fossem parecidos nesse aspecto – se Francesca suspeitasse que ele era apaixonado por ela, *jamais* mudaria a forma de agir com ele.

– Acho que deveriam ir para Kilmartin – disse Michael, de forma abrupta.

– Para a Escócia? – perguntou Francesca, pressionando o si bemol com delicadeza ao piano. – Com a temporada tão próxima?

Michael se levantou, subitamente ansioso por ir embora. Não deveria ter aparecido, de qualquer forma.

– Por que não? – retrucou, num tom casual. – Você adora aquele lugar. John adora aquele lugar. Não é uma viagem tão longa assim numa boa carruagem.

– Você virá? – perguntou John.

– Não creio – disse Michael, um tanto bruscamente.

Como se quisesse ser testemunha da comemoração do aniversário de casamento dos dois. Só serviria para lhe lembrar do que jamais poderia ter. O que, por sua vez, lhe lembraria da culpa que sentia. Ou a aumentaria. Lembretes eram um tanto desnecessários; vivia com eles todos os dias.

Não cobiçarás a mulher do teu primo.

Moisés deve ter se esquecido de anotar esse.

– Tenho muita coisa para fazer por aqui – comentou Michael.

– É mesmo? – retrucou Francesca, os olhos se iluminando de interesse.

– O quê?

– Ora, você sabe – começou ele, num tom de ironia –, todas aquelas coisas que preciso fazer para me preparar para uma vida de libertinagem e divagação.

Francesca se levantou.

Ah, Deus, ela caminhava em sua direção. Aquela era a pior parte, quando ela o tocava.

– Eu gostaria que você não falasse dessa forma – disse ela.

Michael olhou por cima do ombro para John, que ergueu o jornal apenas o suficiente para fingir que não estava escutando.

– Pretende, então, que eu me torne o seu projeto? – perguntou Michael, um tanto indelicadamente.

Ela se retraiu.

– Nós nos importamos com você.

Nós. Nós. Não *eu*, não *John*. Um sutil lembrete de que eram uma unidade. John e Francesca. Lorde e Lady Kilmartin. Ela não quisera dar essa impressão, é claro, mas fora assim que ele interpretara.

– E eu com vocês – devolveu Michael, esperando que uma praga de gafanhotos invadisse a sala.

– Eu sei – disse ela, ignorando por completo o sofrimento dele. – Eu não poderia ter pedido um primo melhor. Mas quero que você seja feliz.

Michael olhou para John com uma expressão que dizia claramente: *Socorro*.

John desistiu de fingir que estava lendo e baixou o jornal.

– Francesca, meu anjo, Michael já é adulto. Encontrará a felicidade como lhe convier. *Quando* lhe convier.

Francesca franziu os lábios e Michael percebeu que estava irritada. Não gostava de ser contrariada e, sem dúvida, detestava admitir que talvez não pudesse arrumar o seu mundo – e as pessoas que nele habitavam – de acordo com a sua vontade.

– Eu deveria apresentá-lo à minha irmã – disse.

*Meu bom Deus.*

– Eu conheço a sua irmã – disse Michael rapidamente. – Na verdade, todas elas. Até mesmo a que ainda nem aprendeu a andar direito.

– Ela já sabe... – Francesca se deteve, rangendo os dentes. – Eu lhe garanto que Hyacinth não é apropriada, mas Eloise é...

– Não vou me casar com Eloise – retrucou Michael, asperamente.

– Eu não disse que tinha de se casar com ela – devolveu Francesca. – É só dançar com ela uma ou duas vezes.

– Já fiz isso – lembrou ele –, e é só o que vou fazer.

– Mas...

– Francesca – disse John.

A voz saiu doce, mas a intenção era clara. *Pare.*

Michael poderia ter dado um beijo no primo pela interferência. John, é claro, apenas acreditava estar salvando-o da desnecessária chateação feminina; não havia nenhuma forma de ele conhecer a verdade: que Michael tentava calcular o nível de culpa que um ser humano poderia sentir por estar apaixonado pela esposa do primo e se casar com a irmã dela.

Meu Deus, casado com Eloise Bridgerton... Será que Francesca estaria tentando *matá-lo*?

– Devíamos sair para uma caminhada – sugeriu Francesca subitamente.

Michael olhou pela janela. Qualquer vestígio de luz do dia já desaparecera.

– Não está um pouco tarde para isso? – perguntou.

– Não com dois homens fortes como acompanhantes – disse ela. – Além do mais, as ruas de Mayfair são bem iluminadas. Estaremos em perfeita segurança. – Ela se virou para o marido. – O que acha, meu bem?

– Tenho um compromisso esta noite – retrucou John, consultando o relógio de bolso –, mas você deveria ir com Michael.

Mais uma prova de que John não tinha a menor ideia dos sentimentos do primo.

– Vocês dois sempre se divertem tanto juntos... – acrescentou John.

Francesca se virou para Michael e sorriu, ganhando mais um centímetro do seu coração.

– Você vem? – perguntou ela. – Estou desesperada por um pouco de ar puro, agora que a chuva parou. E devo confessar que passei o dia todo me sentindo um pouco estranha.

– É claro – respondeu Michael, pois todos sabiam que ele não tinha compromisso nenhum.

Sua vida libertina era cuidadosamente cultivada.

Além disso, não conseguia resistir a Francesca. Sabia que devia manter distância, que jamais deveria se permitir estar a sós com ela. Jamais obedeceria aos próprios desejos, mas qual a necessidade de se sujeitar àquele tipo de agonia? Apenas terminaria o dia sozinho na cama, destroçado de culpa e desejo em doses quase iguais.

Mas quando ela sorria para ele, Michael não conseguia dizer não. E, sem dúvida, não era forte o bastante para negar a si mesmo uma hora ao lado dela.

Pois a companhia de Francesca era a única coisa que poderia ter. Jamais haveria um beijo, um olhar ou um toque mais íntimo. Jamais haveria palavras de amor sussurradas ou gemidos de paixão.

As únicas coisas que podia ter eram o seu sorriso e a sua companhia, e, como o idiota patético que era, ele se dispunha a aceitá-los.

– Só um instante – pediu ela, detendo-se no vão da porta. – Preciso pegar o casaco.

– Seja rápida – disse John. – Já passa das sete.

– Estarei segura com Michael para me proteger – retrucou ela com um sorriso alegre. – Mas não se preocupe, serei rápida. – Em seguida, lançou um sorriso atrevido para o marido. – Eu sempre sou rápida.

Michael desviou os olhos e o primo chegou a ruborizar. Por Deus, ele não queria *mesmo* saber o significado por trás de *Serei rápida*. Infelizmente, podia ser um bom número de coisas, todas elas deliciosamente sexuais. E era provável que ele passasse a hora seguinte a catalogá-las na mente, imaginando-as todas sendo feitas com ele.

Deu um puxão na gravata. Talvez conseguisse se desvencilhar daquele passeio com Francesca. Talvez pudesse ir para casa e tomar um banho gelado. Ou, melhor ainda, encontrar uma mulher bem-disposta com longos cabelos castanho-avermelhados. E, se estivesse com sorte, olhos azuis.

– Sinto muito por isso – disse John quando Francesca saiu.

Michael grudou os olhos no rosto do primo. Com certeza, John jamais mencionaria a insinuação de Francesca.

– Essa importunação de Francesca – acrescentou John. – Você é jovem. Não é preciso se casar tão cedo.

– Você é mais novo do que eu – retrucou Michael, em grande parte só para discordar.

– Sim, mas conheci Francesca. – John deu de ombros num gesto de impotência, como se isso explicasse tudo.

E é claro que explicava.

– Não me incomodo com os comentários dela – declarou Michael.

– É claro que se incomoda. Percebo em seus olhos.

E aí estava o problema. John realmente podia percebê-lo em seus olhos. Não havia ninguém no mundo que o conhecesse melhor. Se algo o estivesse incomodando, John sempre conseguiria notar. O milagre era que ele não se dava conta de *por que* Michael estava aflito.

– Vou dizer a ela que o deixe em paz – continuou John –, embora você precise saber que ela só o importuna por amá-lo.

Michael conseguiu forçar um sorriso. Não foi capaz de produzir palavra.

– Obrigado por levá-la para dar uma volta – disse John, levantando-se.  
– Passou o dia todo um pouco inquieta. Comentou que estava se sentindo excepcionalmente claustrofóbica.

– A que horas é o seu compromisso? – perguntou Michael.

– Às nove horas – respondeu John, ao saírem para o corredor. – Tenho um encontro com o lorde Liverpool.

– Assuntos parlamentares?

John fez que sim. Levava muito a sério a posição na Câmara dos Lordes. Com frequência Michael se perguntava se cumpriria esse dever com igual seriedade se tivesse nascido lorde.

Provavelmente não. Mas, pensando bem, que importância tinha aquilo, certo?

Michael observou John esfregar a têmpora esquerda.

– Você está bem? – perguntou. – Parece um pouco...

Não terminou a frase por não saber ao certo o que dizer. Seu primo não parecia bem. Era só isso que sabia.

E conhecia John. Muito bem. Provavelmente melhor do que Francesca.

– Estou com uma dor de cabeça terrível – murmurou ele. – Passei o dia todo assim.

– Quer que eu mande comprar láudano?

John fez que não.

– Detesto aquilo. Deixa a minha mente turva, e preciso estar concentrado para a reunião com o lorde Liverpool.

Michael assentiu.

– Você está pálido – comentou, sem saber por que, já que isso não mudaria a opinião de John com relação ao láudano.

– Estou? – perguntou John, fazendo uma careta de dor ao pressionar os dedos com um pouco mais de força na têmpora. – Acho que vou me deitar, se não se importa. Só preciso sair daqui a uma hora.

– Certo – disse Michael. – Quer que eu peça a alguém que o acorde?

John fez que não.

– Eu mesmo peço ao camareiro.



Nesse instante, Francesca vinha descendo as escadas, envolta num longo manto de veludo azul-escuro.

– Boa noite, cavalheiros – disse, claramente se deleitando com a exclusiva atenção masculina. Mas, ao chegar ao pé da escada, franziu a testa. – Há algo errado, meu amor? – perguntou a John.

– Só uma dor de cabeça. Nada de mais.

– Devia se deitar um pouco – sugeriu ela.

John conseguiu sorrir.

– Acabo de dizer a Michael que pretendia fazer exatamente isso. Vou pedir a Simons que me acorde a tempo para a minha reunião.

– Com o lorde Liverpool? – indagou Francesca.

– Sim. Às nove.

– É sobre os Seis Atos?

John assentiu.

– Sobre isso e sobre o retorno do padrão-ouro. Eu comentei com você durante o café da manhã.

– Certifique-se de que... – Ela se deteve, sorrindo enquanto balançava a cabeça. – Bem, você sabe como me sinto.

John sorriu e, em seguida, deu um beijo carinhoso em seus lábios.

– Eu sempre sei como se sente, meu amor.

Michael fingiu olhar para o outro lado.

– Nem sempre – respondeu ela, a voz afetuosa e provocadora.

– Sempre que importa – devolveu John.

– Bem, *isso* é verdade – admitiu ela. – Posso esquecer as minhas tentativas de ser a rainha do mistério.

Ele a beijou outra vez.

– Pessoalmente, eu a prefiro sendo um livro aberto.

Michael pigarreou. Aquilo não devia ser tão difícil; John e Francesca não estavam agindo de forma nada diferente do normal. Eram, como grande parte da sociedade costumava comentar, dois pombinhos enamorados, em total sintonia e perdidamente apaixonados.

– Está ficando tarde – observou Francesca – É melhor eu ir, se quiser tomar um pouco de ar fresco.

John assentiu, fechando os olhos por um instante.

– Tem certeza de que está se sentindo bem?

– Tenho. É só uma dor de cabeça.

Francesca colocou a mão no cotovelo de Michael.

– Tome um pouco de láudano quando voltar da reunião – disse ela, por cima do ombro, ao chegarem à porta –, já que sei que não vai fazê-lo agora.

John assentiu, com uma expressão de cansaço, e foi subindo as escadas.

– Pobre John – comentou Francesca, saindo para o revigorante ar noturno. Respirou fundo e deixou escapar um suspiro. – Detesto dores de cabeça. Sempre me deixam especialmente indisposta.

– Eu nunca as tenho – admitiu Michael, conduzindo-a escada abaixo até a calçada.

– É mesmo? – Ela ergueu a vista para olhá-lo, um dos cantos da boca se curvando daquela forma tão dolorosamente familiar. – Que sorte a sua.

Aquilo quase fez Michael rir. Ali estava, em um passeio noturno com a mulher amada.

Que sorte a sua.

## CAPÍTULO 2

*... e se fosse tão ruim assim, eu suspeito que você não me contaria. E, quanto às mulheres, pelo menos tente se certificar de que sejam limpas e livres de doenças. Fora isso, faça o que for necessário para tornar o seu tempo suportável. E, por favor, tente não ser morto. Correndo o risco de soar piegas, não sei o que faria sem você.*

*– do conde de Kilmartin para o primo Michael Stirling, enviada ao 52º Regimento de Granadeiros durante as Guerras Napoleônicas*

**A** pesar de todos os seus defeitos – e Francesca se dispunha a aceitar que Michael Stirling possuísse muitos –, ele realmente era o mais *querido* dos homens.

Era terrivelmente namorador (já o vira em ação e até mesmo ela devia admitir que mulheres que, em outras situações, demonstravam ser inteli-

gentes perdiam todo o bom senso quando ele resolvia ser sedutor) e, sem dúvida, não encarava a própria vida com a seriedade que ela e John desejavam, mas ainda assim ela não podia deixar de amá-lo.

Era o melhor amigo que John já tivera – até se casar com *ela*, é claro – e, no decorrer dos últimos dois anos, se tornara seu confidente mais próximo também.

Que coisa engraçada aquilo. Quem poderia imaginar que ela incluiria um homem dentre os seus amigos mais próximos? Não que se sentisse desconfortável na companhia masculina – quatro irmãos tendiam a extinguir a delicadeza até da mais feminina das criaturas. Mas ela não era como as irmãs. Daphne e Eloise – assim como Hyacinth, supunha, embora ela ainda fosse um pouco nova para se saber com certeza – eram tão extrovertidas e tão alegres... Eram boas esportistas, o tipo de mulher que se destaca na caça e no tiro. Os homens sempre se sentiam à vontade na presença delas e o sentimento era, Francesca observara, completamente mútuo.

Mas ela não era assim. Sempre se sentira um pouco diferente do resto da família. Amava-os com fervor e daria a vida por qualquer um deles, mas, embora por fora se parecesse com uma Bridgerton, por dentro sempre tivera a sensação de ter sido trocada quando pequena.

Enquanto a maioria dos Bridgertons era extrovertida, ela era... bem, não exatamente tímida, mas um pouco mais reservada, mais cuidadosa com as palavras. Ficara conhecida pela ironia e pela sagacidade e tinha de admitir que quase nunca resistia à oportunidade de alfinetar os irmãos com alguma observação sarcástica. Tudo com amor, é claro, e talvez um toque de desespero por passar demasiado tempo com a própria família, mas eles devolviam a zombaria de imediato, então estavam sempre quites.

Assim eram os Bridgertons. Riam, zombavam uns dos outros e discutiam. As contribuições de Francesca para o alarido geral eram apenas um pouco mais silenciosas do que as do resto, um pouco mais maliciosas e subversivas.

Volta e meia ela se perguntava se parte da atração que sentira por John devia-se ao simples fato de que ele a tirara do caos que, com tanta frequência, era o lar dos Bridgertons. Não que não o amasse; amava, sim. Adorava-o com cada fibra de seu corpo. John era a sua alma gêmea, parecido com

Francesca em muitos aspectos. Mas havia sido, de uma maneira bastante estranha, um alívio deixar a casa da mãe, escapar para uma existência mais serena ao lado de John, cujo senso de humor era exatamente igual ao dela.

Ele a entendia, se adiantava às suas necessidades.

Ele a completava.

Tivera uma sensação muito curiosa ao conhecê-lo, quase como se fosse uma peça de quebra-cabeça que enfim encontrara o encaixe correspondente. O primeiro encontro deles não fora de uma paixão arrebatadora, mas naquele momento ela tivera a noção de ter enfim conhecido a única pessoa com quem podia ser totalmente autêntica.

Havia sido instantâneo. Súbito. Não conseguia se lembrar com exatidão do que ele lhe dissera, mas no instante em que as palavras saíram dos lábios de John, ela se sentira em casa.

E com ele viera Michael, o primo – embora, verdade seja dita, os dois estivessem mais para irmãos. Havia sido criados juntos e eram tão próximos em idade que compartilhavam tudo.

Bem, quase tudo. John era herdeiro de um condado e Michael era apenas seu primo, então era natural que os dois meninos não fossem tratados exatamente da mesma forma. Mas, pelo que Francesca ouvira falar e a julgar pelo que viera a conhecer da família Stirling, haviam sido amados em igual medida, e ela imaginava que aquilo fosse o segredo do bom humor de Michael.

Porque, apesar de John ter herdado o título, a riqueza e, bem, tudo, Michael não parecia invejá-lo.

Ela achava aquilo incrível. Ele fora criado como irmão de John – na verdade, como seu irmão mais velho – e jamais invejara nenhuma das bênçãos de John.

E aquele era o motivo pelo qual Francesca mais o amava. Sem dúvida, Michael zombaria dela se tentasse elogiá-lo por isso, e com certeza apontaria suas muitas transgressões (sem qualquer exagero, temia ela) para provar que sua alma era sombria e que ele era um completo canalha. Mas a verdade era que Michael Stirling possuía uma generosidade de espírito e uma capacidade para o amor ímpares entre os homens.

E se ela não encontrasse uma esposa para ele em breve, iria enlouquecer.

– O que há de errado com a minha irmã? – começou Francesca, dando-se conta de que sua voz parecia perfurar o silêncio da noite.

– Francesca, eu não vou me casar com a sua irmã – devolveu ele, e ela pôde perceber a irritação e, felizmente, algum divertimento em sua resposta.

– Eu não disse que tinha de se casar com ela.

– Nem precisava. Seu rosto é um livro aberto.

Ela ergueu a vista para olhá-lo, retorcendo os lábios.

– Você não estava nem me olhando.

– É claro que estava, e, de qualquer forma, nem precisaria. Eu sei o que você quer.

Ele tinha razão e isso a assustava. Algumas vezes a preocupava o fato de ele a compreender tão bem quanto John.

– Você precisa de uma esposa – disse ela.

– Você não prometeu ao seu marido que pararia de me importunar com isso?

– Na verdade, não – respondeu ela, lançando-lhe um olhar bastante superior. – Ele pediu, é claro...

– É claro – murmurou Michael.

Ela riu. Michael sempre conseguia fazê-la rir.

– Pensei que esposas deveriam obedecer aos desejos dos maridos – caçoou Michael, arqueando a sobrancelha direita. – Na verdade, tenho certeza de que isso consta dos votos de casamento.

– Eu lhe prestaria um grande desserviço se lhe arrumasse uma esposa *desse* tipo – comentou ela, enfatizando sua opinião com um resfolegar muito bem cronometrado e bastante desdenhoso.

Ele se virou e baixou os olhos para encará-la com uma expressão que tinha algo de paternal. Devia ter sido um nobre, pensou Francesca. Era inconsequente demais para as responsabilidades de um título, mas quando olhava para alguém com aquela expressão, com a mais completa altivez e absoluta confiança, podia passar por um duque da realeza.

– As suas responsabilidades como condessa de Kilmartin não incluem encontrar uma esposa para mim – concluiu.

– Pois deveriam.

Ele riu, o que a deliciou. Sempre conseguia fazê-lo rir.

– Muito bem – disse ela, desistindo por ora. – Então me conte algo indecente. Algo que John não aprovaria.

Era um jogo do qual brincavam, até mesmo na presença de John, embora John fingisse desencorajá-los. Mas Francesca suspeitava que o mari-

do se divertisse tanto quanto ela com as histórias de Michael. Assim que terminava as reprimendas obrigatórias, sempre se dispunha a escutar as narrativas do primo.

Não que Michael lhes contasse muita coisa. Era discreto demais para isso. Mas fazia alusões e insinuações, e Francesca e John se divertiam muito. Não trocariam a sua felicidade conjugal por nada, mas quem não gostava de ouvir histórias devassas e picantes?

– Sinto dizer que não fiz nada de indecente esta semana – retrucou Michael, levando-a a dobrar a esquina até King Street.

– Você? Impossível.

– Ainda é só terça-feira – lembrou ele.

– Sim, mas descontando o domingo, que tenho certeza que você não seria capaz de profanar – ela o olhou com uma expressão de quem não tinha a menor dúvida que ele já havia pecado de todas as maneiras, sendo ou não domingo –, ainda lhe sobra a segunda-feira, e um homem pode fazer muita coisa numa segunda-feira.

– Não este homem. Não nessa segunda-feira.

– O que você fez, então?

Ele ficou pensativo por um instante, então disse:

– Na verdade, nada.

– Impossível – zombou ela. – Tenho certeza que o vi acordado por pelo menos uma hora.

Ele permaneceu calado e, em seguida, deu de ombros de uma forma que ela achou bastante perturbadora e comentou:

– Não fiz nada. Caminhei, conversei, comi. Nada de mais.

Impulsivamente, Francesca apertou o seu braço.

– Vamos ter de encontrar alguma coisa para você – disse, com delicadeza.

Ele se virou e a fitou, seus olhos estranhos e quase prateados encarando os dela com uma intensidade que Francesca sabia que ele quase nunca deixava emergir.

Então o instante terminou e Michael voltou a ser ele mesmo, embora ela suspeitasse que ele não fosse, de maneira alguma, o homem que queria que os outros – inclusive ela – acreditassem que fosse.

– Devíamos voltar para casa – disse ele. – Já está ficando tarde e John vai querer cortar a minha cabeça se você se resfriar por minha causa.

– John culparia a *mim* pela minha tolice e você sabe muito bem disso – comentou Francesca. – Isto é só sua forma de me informar que tem uma mulher à sua espera, provavelmente nua a não ser pelos lençóis da cama dela.

Ele se virou para Francesca e sorriu. Era perverso e diabólico, e ela compreendia por que metade da sociedade – isto é, a metade pertencente ao sexo feminino – se acreditava apaixonada por ele, mesmo desprovido de título de nobreza ou fortuna.

– Você me pediu que contasse algo indecente, certo? – perguntou ele. – Vai querer mais detalhes? A cor dos lençóis, talvez?

Ela ruborizou. *Odiava* ruborizar, mas pelo menos sua reação estava sendo encoberta pela escuridão.

– Espero que não sejam amarelos – retrucou, porque não podia tolerar que a conversa terminasse com o seu constrangimento. – Essa cor o deixa abatido.

– Eu não vou vestir os lençóis – comentou ele, esticando cada sílaba.

– Ainda assim.

Michael riu e Francesca soube que ele tinha noção de que ela dissera aquilo apenas para ter a última palavra. E pensou que ele lhe permitiria aquela pequena vitória, mas, quando começava a sentir algum alívio no silêncio, ele continuou:

– Vermelhos.

– O quê? – perguntou ela, embora tivesse entendido muito bem.

– Imagino que os lençóis sejam vermelhos.

– Não acredito que tenha me contado isso.

– Você perguntou, Francesca Stirling. – Ele baixou a vista para olhá-la e um cacho de cabelos negros como a meia-noite caiu-lhe sobre a testa. – Você tem sorte por eu não a delatar ao seu marido.

– John jamais desconfiaria de mim – retrucou ela.

Por um instante, Francesca achou que ele não diria mais nada, mas então Michael falou:

– Eu sei. – A voz saiu estranhamente circunspecta e séria. – E é o único motivo pelo qual implico com você.

Ela estava com os olhos fixos chão, procurando imperfeições, mas o tom dele foi tão sóbrio que Francesca teve de erguer os olhos.

– Você é a única mulher que conheço que jamais seria infiel – continuou ele, tocando-lhe o queixo. – Não tem ideia de quanto a admiro por isso.

– Amo o seu primo – declarou ela. – Jamais o trairia.

Ele abaixou a mão.

– Eu sei.

À luz da lua, Michael lhe pareceu tão belo e tão insuportavelmente necessitado de amor que ela ficou com o coração quase partido. É claro que nenhuma mulher conseguia resistir a ele, com aquele rosto perfeito, aquele porte tão alto e musculoso. E qualquer um que se desse o trabalho de conhecê-lo mais profundamente passaria a vê-lo como Francesca o via: um homem de bom coração, leal e verdadeiro.

Com um toque demoníaco, é claro, mas Francesca supunha que era isso que atraía as mulheres, para início de conversa.

– Vamos? – perguntou Michael, subitamente o encanto em pessoa.

Inclinou a cabeça em direção à casa dela. Francesca suspirou e deu meia-volta.

– Obrigada por me acompanhar – disse ela, após alguns minutos de um confortável silêncio. – Não exagerei quando disse que estava enlouquecendo com a chuva.

– Você não disse isso – comentou ele, repreendendo-se no mesmo instante.

Ela dissera que estava se sentindo um pouco estranha, não que estava enlouquecendo, mas apenas um idiota-prodígio ou um tolo apaixonado teria notado a diferença.

– Não disse? – Ela franziu as sobrancelhas. – Bem, eu certamente pensei. Tenho me sentido indisposta, se quer saber. O ar fresco me fez muito bem.

– Então fico contente em ter ajudado – afirmou ele, galanteador.

Ela sorriu ao subirem as escadas da Casa Kilmartin. A porta se abriu no mesmo instante em que seus pés tocaram o degrau de cima – o mordomo devia estar à sua espera –, então Michael aguardou enquanto o homem retirava o manto de Francesca no hall de entrada.

– Fica para mais um drinque ou precisa partir imediatamente para o seu compromisso? – indagou ela, os olhos luzindo, endiabrados.

Ele olhou para o relógio, ao final do corredor. Eram oito e meia e, embora não tivesse de estar em lugar nenhum – não havia ninguém à sua espera, embora ele sem dúvida pudesse encontrar uma companhia a qualquer instante e talvez fizesse isso mesmo –, não estava com disposição para permanecer na Casa Kilmartin.



– Preciso ir – respondeu. – Tenho muito que fazer.

– Você não tem nada para fazer e sabe muito bem disso – disse ela. – Apenas gosta de ser malvado.

– É um passatempo admirável – murmurou ele.

Ela abriu a boca para soltar uma réplica, mas no mesmo instante Simons, o camareiro particular que John contratara recentemente, veio descendo as escadas.

– Milady? – chamou.

Francesca se virou para ele e inclinou a cabeça, indicando que ele deveria falar.

– Bati à porta do senhorio e chamei duas vezes, mas ele parece estar dormindo profundamente. Deseja que eu o acorde, ainda assim?

Francesca fez que sim.

– Claro. Eu adoraria deixá-lo dormir. Tem trabalhado tanto nos últimos tempos... – Ela dirigiu essa última parte a Michael. – Mas sei que essa reunião com o lorde Liverpool é de grande importância. Deve acordá-lo, sim... Não, espere, deixe que eu mesma o faça. É melhor.

Ela se virou para Michael.

– Eu o vejo amanhã?

– Na verdade, já que John ainda não saiu, eu espero – disse ele. – Vim a pé, então posso continuar na carruagem dele quando ele não precisar mais dela.

Ela assentiu e se precipitou escada acima, deixando Michael sem muito que fazer a não ser cantarolar baixinho enquanto examinava os quadros do hall.

Então Francesca deu um grito.



Michael não se lembrava de ter corrido escada acima, mas, de alguma forma, lá estava, no quarto de John e de Francesca, o único aposento da casa em que jamais entrara.

– Francesca? – chamou, ofegante. – Frannie, Frannie, o que...

Ela estava sentada ao lado da cama, segurando o braço de John, pendurado para fora do colchão.

– Acorde-o, Michael – gritou. – Acorde-o. Faça isso por mim. Acorde-o!

Michael sentiu o seu mundo inteiro começar a desabar. A cama ficava do outro lado do quarto, a uns 3 metros de onde estava, mas ele *sabia*.

Ninguém conhecia John tão bem quanto ele. Ninguém.

E John não estava no quarto. Tinha partido. O que estava sobre a cama...

Não era John.

– Francesca – sussurrou, deslocando-se lentamente em sua direção. Seus membros lhe pareceram estranhos, lentos. – Francesca.

Ela ergueu para ele os olhos enormes e aflitos.

– Acorde-o, Michael.

– Francesca, eu...

– Agora! – gritou ela, atirando-se sobre ele. – Acorde-o! Você há de conseguir. Acorde-o! Acorde-o!

A única coisa que ele pôde fazer foi ficar ali, de pé diante de Francesca, enquanto ela esmurrava o seu peito com os punhos, enquanto agarrava a sua gravata e a sacudia e até ele perder a respiração. Não conseguiu abraçá-la, não conseguiu lhe oferecer consolo, porque se sentia tão prostrado e confuso quanto ela.

E, subitamente, todo o fogo lhe escapou e ela desabou em seus braços, as lágrimas encharcando-lhe a camisa.

– Ele estava com dor de cabeça – gemeu ela. – Só isso. Só estava com dor de cabeça. Era só uma dor de cabeça. – Ergueu os olhos para ele, buscando o seu rosto, procurando respostas que ele jamais seria capaz de lhe dar. – Era só uma dor de cabeça – repetiu.

E pareceu perdida.

– Eu sei – disse ele, mesmo sabendo que não era o bastante.

– Ah, Michael! – exclamou ela, soluçando. – O que vou fazer?

– Não sei – respondeu ele, porque era verdade.

Na escola, na faculdade e no exército, ele fora treinado para tudo o que a vida de um cavalheiro inglês tinha a oferecer. Mas não fora treinado para *aquilo*.

– Eu não entendo – falou Francesca, e ele supunha que ela estivesse dizendo diversas coisas, embora nenhuma delas fizesse sentido aos seus ouvidos.

Ele nem mesmo tinha forças para ficar de pé e, juntos, os dois desceram até o tapete, permanecendo encostados na lateral da cama.

Ele olhou, sem de fato ver, a parede oposta, perguntando-se por que não chorava. Sentia-se entorpecido, o corpo parecia pesado, e não conseguia se livrar da sensação de a alma ter sido arrancada de seu corpo.

John não.

Por quê?

*Por quê?*

Sentado ali, mal se dando conta de que os empregados se aglomeravam do lado de fora do quarto, ocorreu-lhe que Francesca gemia as mesmas palavras.

– John não. Por quê? *Por quê?*



– Acha possível que ela esteja grávida?

Michael olhou fixamente para o lorde Winston, um recém-nomeado e, pelo jeito, afoito membro da Comissão de Privilégios da Câmara dos Lordes, tentando entender o que ele dizia. Não fazia nem um dia que John morrera. Ainda era difícil encontrar sentido em qualquer coisa. E agora, ali estava aquele homenzinho inflado exigindo uma audiência com ele e tagarelando sobre algum dever sagrado junto à Coroa.

– A esposa – esclareceu o lorde Winston. – Se estiver grávida, isso complicará tudo.

– Não sei – disse Michael –, não perguntei a ela.

– Pois precisa perguntar. Tenho certeza de que está ansioso por assumir o controle de suas novas posses, mas realmente precisamos saber se ela está grávida. Além do mais, se estiver, um dos membros do nosso comitê terá de estar presente no nascimento.

Michael sentiu o rosto perder toda e qualquer expressão.

– O que disse? – conseguiu pronunciar, de alguma maneira.

– Trocas de bebês – falou o lorde Winston, com a voz soturna. – Já houve casos.

– Pelo amor de Deus...

– É para a sua proteção tanto quanto para a de qualquer um – interrompeu o homem. – Se a senhora der à luz uma menina e não houver ninguém presente para testemunhar o ocorrido, o que poderá impedi-la de trocar a criança por um menino?

Michael nem mesmo se dignou a responder.

– Precisa saber se ela está grávida – pressionou o lorde Winston. – Providências terão de ser tomadas.

– Ela perdeu o marido ontem – disse Michael, num tom áspero. – Não vou sobrecarregá-la com perguntas tão invasivas.

– Há muito mais em jogo do que os sentimentos dela – retrucou o lorde. – Não podemos transferir o condado de forma apropriada enquanto houver dúvida quanto à sucessão.

– Que o diabo fique com o condado – vociferou Michael.

O lorde Winston sufocou um grito, encolhendo-se, visivelmente horrorizado.

– Controle-se, milorde.

– Não sou seu lorde – retrucou Michael, quase gritando. – Não sou lorde de...

Ele controlou as palavras, deixando-se despencar sobre a poltrona enquanto tentava não pensar que estava perigosamente próximo às lágrimas. Bem ali, no escritório de John, com aquele maldito homenzinho que não parecia compreender que um homem havia morrido, não só um conde, mas um homem, Michael queria chorar.

E ia chorar, imaginava. Tão logo o lorde Winston saísse e ele pudesse trancar a porta para ninguém vê-lo, provavelmente enterraria o rosto nas mãos e choraria.

– Alguém tem de perguntar a ela – insistiu o lorde Winston.

– Não serei eu – avisou Michael, em voz baixa.

– Eu o farei, então.

Michael saltou da poltrona e prendeu o homem contra a parede.

– Não chegará perto de Lady Kilmartin – rosnou. – Nem mesmo respirará o mesmo ar que ela. Estou sendo claro?

– Bastante – gorgolejou o homenzinho.

Michael o soltou, quase sem notar que o rosto do sujeito começava a arroxear.

– Saia – ordenou.

– Terá de...

– Saia! – rugiu.

– Voltarei amanhã – avisou o lorde Winston, deslizando porta afora. – Conversaremos quando estiver mais calmo.

Michael se encostou na parede. Por Deus, como tudo havia chegado àquele ponto? John não tinha nem 30 anos. Um homem saudável. De fato, Michael era o próximo na linha de sucessão ao título de conde caso John e Francesca não tivessem filhos, mas ninguém imaginara que ele um dia poderia se tornar o herdeiro.

Nos clubes, já se comentava que ele era o homem mais sortudo de toda a Grã-Bretanha. Da noite para o dia, saíra das margens da aristocracia para o seu epicentro. Ninguém parecia compreender que Michael jamais desejara aquilo. Jamais.

Não queria um condado. Queria o primo de volta. E ninguém parecia entender isso.

A não ser, talvez, Francesca, mas ela estava tão entregue ao próprio sofrimento que não tinha como compreender a dor que se alojara no coração de Michael.

E ele não lhe pediria isso. Não quando ela mesma estava tão dilacerada.

Michael cruzou os braços no peito ao pensar nela. Enquanto vivesse, jamais se esqueceria do rosto de Francesca quando por fim se dera conta da verdade. John não estava dormindo. Não iria acordar.

E Francesca Bridgerton Stirling se tornara, na tenra idade de 22 anos, a pessoa mais triste que se podia imaginar.

Sozinha.

Michael compreendia o desespero dela melhor do que qualquer um.

Ele e a mãe dela a haviam colocado na cama naquela noite. Violet Bridgerton aparecera após o chamado urgente que Michael lhe enviara. E Francesca dormira como um bebê, sem emitir um único som, o corpo exausto devido ao choque.

Mas, ao acordar na manhã seguinte, se imbuíra da proverbial capacidade britânica de jamais deixar transparecer os sentimentos, decidida a permanecer firme, cuidando dos inúmeros detalhes que choveram sobre a casa com a morte de John.

O problema era que nenhum dos dois sabia quais eram esses detalhes. Eram jovens, haviam levado a vida de forma despreocupada até ali. Jamais lhes ocorrera ter de lidar com a morte.

Quem teria imaginado, por exemplo, que a Comissão de Privilégios se envolveria? E que exigiria um lugar de camarote num momento que deveria ser íntimo para Francesca?

Se, de fato, estivesse grávida.

Mas que diabo! *Ele* não iria lhe perguntar.

– Precisamos avisar à mãe dele – dissera Francesca mais cedo naquela manhã.

Tinham sido suas primeiras palavras, na verdade. Não houvera preâmbulo ou cumprimento, apenas “Precisamos avisar à mãe dele”.

Michael assentira, pois era claro que Francesca tinha razão.

– Também precisamos avisar à sua mãe – prosseguira ela. – As duas estão na Escócia, portanto, com certeza, ainda não sabem.

Ele assentiu mais uma vez. Era só o que conseguia fazer.

– Vou escrever os comunicados.

Michael assentiu uma terceira vez, perguntando-se o que *ele* deveria fazer.

Essa questão tinha sido respondida com a visita do lorde Winston, embora Michael não conseguisse nem pensar naquilo no momento. Parecera-lhe de imenso mau gosto. Não queria pensar no que ganharia com a morte de John. Como era possível que alguém falasse como se algo de *bom* tivesse saído daquilo tudo?

Michael sentiu-se afundar cada vez mais, deslizar pela parede até estar sentado no chão, as pernas dobradas à sua frente, a cabeça repousando sobre os joelhos. Ele não havia desejado aquilo. Havia?

Desejara Francesca. Apenas isso. Mas não dessa forma. Não àquele preço.

Jamais invejara a boa sorte de John. Jamais invejara o título, o dinheiro ou o poder dele.

Invejara apenas a sua mulher.

Agora, esperavam que ele assumisse o título de John, que seguisse os seus passos. E a culpa apertava o seu coração com o seu punho implacável.

Será que, de alguma forma, teria pedido aquilo? Não, não teria sido capaz. Certo?

Certo?

– Michael?

Ele ergueu a vista. Era Francesca, ainda com a mesma expressão vazia, o rosto como uma máscara em branco que rasgou o coração dele mais do que o seu choro jamais teria feito.

– Mande buscar Janet.

Ele fez que sim. A mãe de John. Ela ficaria devastada.

– Sua mãe também.

Que ficaria igualmente devastada.

– Há qualquer outra pessoa de que você se lembre...

Ele fez que não, ciente de que deveria se levantar, ciente de que a convenção social ditava que se levantasse, mas simplesmente não conseguia reunir forças. Não queria que Francesca o visse tão fraco, mas não tinha escolha.

– Você deveria se sentar – disse ele, por fim. – Precisa descansar.

– Não posso – retrucou ela. – Preciso... Se eu parar, nem que seja por um minuto, eu...

As palavras dela foram sumindo, mas não era necessário que dissesse mais nada. Ele compreendia.

Ergueu os olhos para ela. Os cabelos castanho-avermelhados estavam presos numa trança simples e o rosto estava pálido. Pareceu-lhe jovem, mal saída da escola, certamente jovem demais para aquele tipo de sofrimento.

– Francesca – começou ele, o tom não exatamente de uma pergunta, mas quase um suspiro.

Então ela disse. Sem que ele nem precisasse lhe perguntar.

– Estou grávida.

## CAPÍTULO 3

*... Eu o amo loucamente. Loucamente! Acho que morreria sem ele.*

*– da condessa de Kilmartin para a irmã Eloise Bridgerton uma semana após se casar*

— **E**u declaro, Francesca, que é a grávida mais saudável que já vi.

Francesca sorriu para a sogra, que acabava de entrar no jardim da mansão de St. James que agora compartilhavam. Da noite para o dia, ao que parecia, a Casa Kilmartin se transformara num lar de mulheres. Primeiro,

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)